

O PORTAL DE PERIÓDICOS DA UFRJ: UMA ENTREVISTA COM MIGUEL AMORIM

Gustavo Cravo de Azevedo

Há várias facetas na divulgação da produção intelectual e cumprir o compromisso social de divulgar o resultado de uma pesquisa finalizada e financiada com recurso público é uma realização pessoal, seja individual ou coletiva. Competir por financiamentos diversos através das métricas de publicação de artigos, consolidar o estado da arte de algum tema ou área, é um reconhecimento. São diferentes as motivações para as pessoas, pesquisadores consagrados ou não, divulgarem sua produção. Uma questão em comum: como é organizada essa produção e onde ficam guardados esses dados?

A área da Ciência da Informação, na qual Miguel se formou e atua, já vem discutindo há algum tempo a importância das pessoas conseguirem livre acesso à informação. O Movimento de Acesso Aberto possui entre suas diretrizes o acesso *online*, livre e gratuito de informações e também da produção científica. Recentemente, a UFRJ, bem como boa parte das universidades públicas do país, vêm democratizando o acesso a estudantes das classes populares. Essa discussão está ligada ao acesso a informação de qualidade. Já imaginou se todos os artigos que os professores recomendassem leitura forem pagos? O acesso continuaria sendo “livre”? O Brasil é um dos países onde a discussão do livre acesso ganha força e a maior parte de nossos periódicos divulga suas novas edições de forma *online*, livre e gratuita.

Em uma universidade do tamanho da UFRJ, com uma comunidade universitária de discentes, técnicos, docentes e terceirizados em torno de 100 mil pessoas, a



Miguel Amorim, chefe do Portal de Periódicos da UFRJ.

Foto: Currículo Lattes

informação é estratégica, e isso não é força de expressão. Inclusive, as políticas de ranqueamento e os editais de financiamento de pesquisas cada vez mais vêm vinculando acesso a recursos à produção (e divulgação da produção) de alta qualidade, e os desafios de organizar toda essa informação produzida não são poucos. O Portal de Periódicos da UFRJ, é uma ferramenta importantíssima de organização, publicação e divulgação de nossos periódicos, mas ainda não é conhecido por toda a universidade. Por outro lado ainda tem coleta, preservação e divulgação da produção da universidade no repositório institucional da UFRJ – o *Pantheon* – é um desafio. Desafio principalmente de conscientização dessa importância. Motivado a conhecer com mais detalhes do que dispomos na UFRJ e de quais são esses desafios, fiz essa entrevista com o bibliotecário e chefe da seção de informatização de bibliotecas e responsável pelo Portal de Periódicos da UFRJ, Miguel Amorim. Espero que vocês gostem.

1 - Boa noite, Miguel. Obrigado por topiar essa entrevista. Quero começar te pedindo para falar um pouco da sua formação e de como você chegou à UFRJ.

Miguel: Sou bibliotecário, formado pela UNIRIO. Tenho especialização pela Fiocruz em Preservação do Patrimônio das Ciências e da Saúde abordando preservação digital, mestrado em Ciência da Informação pela UFF e estou terminando o doutorado em Informação e Comunicação em Saúde pela Fiocruz. Também estou tocando no momento o curso Tecnólogo em Sistemas de Informação na modalidade Educação à Distância (EAD). O meu concurso para a UFRJ é de 2009. Na época do concurso eu estava me formando, mas, só tomei posse em dezembro de 2011 quando estava me preparando para qualificar no mestrado. Entrei na UFRJ por um dos últimos concursos da UFRJ para técnico que teve prova de título. Então eu tive até uma colocação interessante. Fiquei em quarto lugar do concurso na pontuação geral, e a diferença do primeiro para o quarto era de quatro pontos. Mas depois, com a prova de título, um monte de gente passou na frente e eu fui pro décima segunda colocação. E por sorte fui chamado. Algumas pessoas que já me conheciam de trabalhos anteriores, em outras instituições – do Mestrado na UFF ou também quando fui bolsista no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), me convidaram para trabalhar no Sistema de Bibliotecas e Informação (SIBI) da UFRJ. Eu já conhecia alguns sistemas que a UFRJ estava implantando ou já tinha implantado, mas, não sabia muito bem como era o funcionamento.

2 - O que é movimento de acesso aberto?

Miguel: É um movimento mundial de disponibilização online, gratuito, sem limitações, dos resultados das pesquisas científicas. Os físicos são os precursores deste movimento, pois foram os primeiros a questionar o poder das grandes editoras, pois ao publicar um artigo em uma revista, perdiam o direito de distribuir o texto entre seus pares e alunos, que teriam que pagar para poder acessar. Daí nasceu também o questionamento sobre o financiamento das pesquisas. Em sua maioria são financiadas com verba pública, logo um bem público, mas ficam nas mãos das editoras comerciais, que visam o lucro. Pensaram então na possibilidade de que uma cópia do texto submetido às revistas pudesse ser depositado em um local que eles pudessem usar e distribuir entre seus pares e alunos, e assim nasceu o primeiro repositório, chamado *Arxiv*¹. Decorrentes desse movimento nasceram além dos repositórios digitais, as licenças de *Creative Commons*. E também os princípios da via verde – que significa quando autores se dispõem a concretizar o acesso aberto publicando em periódicos que permitem o auto-arquivamento do texto no repositório da instituição a qual são vinculados ou em um repositório temático - e a via dourada – quando autores se dispõem a publicar somente em periódicos que ofereçam acesso livre e imediato a todos os seus artigos.

3 - O que é o Portal de Periódicos da UFRJ²? Como funciona o sistema operacional dos periódicos, o *Open Journal System (OJS)*?

Miguel: O Portal de Periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro abriga as revistas científicas eletrônicas produzidas no âmbito da universidade, de modo a garantir maior visibilidade da produção científica. Eu assumi o Portal pouco tempo depois que eu cheguei ao SIBI. Então eu não posso te falar de toda a história com precisão, porque o Portal é anterior à minha chegada à UFRJ. Eu efetivamente cheguei ao SIBI em março de 2012, que foi quando eu fui transferido de Macaé para o Rio de Janeiro. Vim pra cuidar de uma determinada função, a criação do repositório institucional da UFRJ. Mas, como eu já conhecia o sistema *Open Journal System (OJS)*, muito utilizado por editores de periódicos, fiz a proposta da UFRJ dar os treinamentos

1 Maiores informações através do link: <https://arxiv.org/>. Acesso em 28 dez. 2018.

2 O Portal de Periódicos da UFRJ está disponível através do link: <https://revistas.ufrj.br/>. Acesso em 28 dez. 2018.

para a capacitação das pessoas para o uso do OJS de forma que as suas revistas fossem autônomas, que é o modelo ideal que o IBICT trabalha. O sistema OJS já estava operante na UFRJ e basicamente é um sistema de *logins*. Por meio deste sistema, autores, avaliadores, editores gerentes, editores de seção, editores de texto, editores de layout, dentre outros responsáveis pela publicação dos periódicos, conseguem cumprir suas funções. Era instalado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUPERTIC) e a manutenção era via Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PR2). Tive a oportunidade de ter os treinamentos presenciais de OJS do IBICT, voltados para quem vai cuidar de periódicos. Hoje o instituto não dá mais o curso presencial, só na modalidade EAD. O curso é voltado para quem vai meter a mão na massa. O treinamento não exige nenhuma formação técnica em informática ou qualquer outra especialização. Era e é para que quem vai tocar a revista, que na maior parte dos casos são os docentes no caso das universidades. Minha formação e conhecimento do OJS virou uma proposta que apresentei para a PR2. Falei que eu tinha uma formação, já conhecia o sistema, já tinha trabalhado com ele há alguns anos. Aí rapidamente eles toparam. Fizemos uma parceria e eles entraram em contato com a SUPERTIC. Fizemos a solicitação que eu pedi, uma instalação exclusivamente para que fossem realizados treinamentos, para não haver conflitos entre o que é um teste e o que é pra valer e para que alunos do treinamento pudessem se sentir a vontade, sem medo de errar. Então isso foi um dos primeiros pedidos, e eles prontamente se dispuseram. Fizemos a conversa com o SUPERTIC, a PR2 e o SIBI. Eles disponibilizaram, eu comecei a dar os treinamentos, e logo a gente foi estabelecendo alguns parâmetros para que, se as pessoas não tivessem conhecimento, que fossem treinadas, para depois passar a administrar seu periódico. Isso porque algumas funções dos sistemas são irreversíveis. Por exemplo, uma pessoa mal treinada pode deletar a revista inteira e nem o administrador do sistema na universidade tem como restaurar isso. Ou a pessoa pode criar determinados procedimentos que vão gerar relatórios e que depois vão ser prejudiciais pra revista no caso de uma avaliação de alguma base de dados.

4 - Antes da oferta do curso *Open Journal System* (OJS) pelo Portal de Periódicos, como os servidores da UFRJ conseguiam gerir suas revistas?

Miguel: Antes disso, até onde eu sei, quem quisesse criar uma revista mantinha contato com algum responsável na PR2. Se não me engano foi o José Carlos, que na época ele

era Superintendente da PR2. Ele que dava algumas informações ou ele remetia - para algumas questões relacionadas à manutenção do sistema – direto pra SUPERTIC, e aí o pessoal tentava dar um suporte sobre aquela demanda que estava sendo solicitada. Mas alguns deles não tinham realmente passado pelo treinamento, ou conheciam o uso dos sistemas. Nessa época a UFRJ tinha o Portal principal, gerido pela PR2. E tinha pelo menos mais uns sete portais espalhados pela própria universidade. Então ela tinha um oficial e alguns não oficiais, e assim ficavam organizados – ou melhor dizendo espalhados – os periódicos pela UFRJ. A Faculdade de Letras tinha um hospedado no Núcleo de Computação Eletrônica (NCE). O NCE mantinha mais uns dois. Se não me engano o pessoal da Educação Física também tinha mais um, e o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) tinha mais dois. Ou seja, várias instalações paralelas feitas desnecessariamente. Provavelmente uma herança da fragmentação histórica da universidade. E isso foi uma coisa que combinamos de eliminar na conversa que tivemos SIBI, PR2 e SUPERTIC. O objetivo é que a UFRJ tivesse uma gestão única de periódicos. Por várias razões. A primeira delas é porque o sistema é multibase e multiusuário. Então cada revista, dentro de uma mesma instalação, é um universo paralelo. Cada um tem a sua gestão e uma revista não tem como interferir na gestão da outra. E todos eles são geridos pelo mesmo *software* de forma integrada. Um bom exemplo onde nós podemos ver isso é o Sistema Integrado de Gestão Acadêmica (SIGA). É um grande sistema *online* de administração acadêmica de todos os *campi*, todas as unidades e todo mundo está vinculado a ele. Então seria basicamente a mesma lógica. É uma insanidade manter um sistema que pode ser um grande sistema, manter todo mundo junto, você ter um controle, uma demanda, questões de atualização de *software*, que seja feita de uma vez só e ao mesmo tempo manter cinco, seis, sete coisas diferentes que depois vão dar um problema, que envolvem manutenção, suporte técnico, gestão de servidores, infraestrutura. Com o fim de comparação, podemos observar as universidades que estão mais a frente em relação a isso. A Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, mantêm uma única instalação da OJS com mais de 150 revistas. Então é um processo muito mais inteligente de fazer, porque se você pensar nos custos, pensar na parte de gestão da infraestrutura física de servidores, na gestão de pessoas, de processos, e até mesmo nas políticas de promoção e divulgação das revistas, vale pensar num formato unificado. Um exemplo de como isso foi facilitado: o Centro Referencial do SIBI apresentou para a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino

Superior (CAPES), que estávamos reunindo tudo em um único portal, todas as revistas da UFRJ. O resultado é que o Portal foi inteiro indexado. Ou seja, todas as revistas da UFRJ no Portal foram indexadas de uma vez só no Portal CAPES, algo muito importante em termos acadêmicos. Simplesmente porque elas estão em um portal único. Ou seja, está chancelado pela sua universidade que você está seguindo o trâmite correto, a política correta, que você está sendo amparado por isso. Então isso é uma questão não só de gestão, isso transmite outra característica para o seu leitor, para as bases de dados, pra quem está te olhando, que é uma seriedade.

5 - Você recebe muita demanda por ajuda para mexer no OJS?

Miguel: Recebo. Recebo demanda interna e externa. Inclusive já até dei dois treinamentos externos na UERJ. Tive uma consulta há pouco tempo sobre alguém que administra o sistema OJS externo em outra universidade, se não me engano da Rural (UFRRJ). Retirei algumas dúvidas por e-mail. Há demanda. E também já fui solicitado – esse ano – pra dois treinamentos externos: um para a PUC-Rio (pessoal do Direito) e um para o pessoal do Serviço Geológico do Brasil – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM).

Se você for analisar o OJS, ele é uma espécie de um CMS, um *Content Management System*, um sistema de site. Ele gerencia o conteúdo como se fosse um site. Qual é o diferencial dele pra um site? No site você habilita uma senha, a pessoa vai lá e escreve uma matéria ou ela manda o texto e alguém publica. Caso dos colunistas de blogs, de jornal O Globo, A Folha de São Paulo, etc. tem um editor que faz pra ele uma demanda (pauta), ou ele tem uma coluna semanal, e ele manda um texto. O cara faz umas correções e carrega o texto. Ou às vezes ele tem autonomia de ele mesmo escrever no próprio blog e publica, e está publicado. Então é basicamente a mesma forma, a única diferença é que o OJS ele é especificamente para *periódico científico*. Porque aí tem todo um trâmite de avaliação, o processo de avaliação duplo cega, em seguida passa pelo processo de edição e enfim ser publicado.

6 - Miguel, recentemente a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) lançou um edital chamado Pró-Revistas, que é um edital basicamente de apoio a periódicos, que oferece verba de apoio à editoração, de diferentes maneiras. Periódicos mais antigos, maiores e melhores qualificados ganham mais verba,

periódicos mais novos também recebem, de maneira proporcional. Você acha que um edital nesse sentido seria bom para a UFRJ?

Miguel: Eu creio que sim. Eu acho que é sempre bom você fomentar a produção científica. O que eu acho que é fundamental é ter atenção com relação aos critérios que vão ser observados. Porque já existem editais que são das agências de fomento à pesquisa. Geralmente a Financiadora de Inovação e Pesquisa (FINEP) abre edital para fomento à publicação científica e a FAPERJ também. Infelizmente como o Estado do Rio, ela está quebrada. Abre edital, as pessoas ganham, mas não recebem o dinheiro. Então isso é um processo que é muito comum pelas Fundações de Apoio a Pesquisas espalhadas pelo país. Até, se não me engano, a CAPES tem um edital – eu não me lembro agora com detalhes -, mas eu sei que tem um que abre eventualmente todo ano, que é para apoio e financiamento de novas publicações. Então eu vejo que essa iniciativa é válida, muito válida, mas ela tem que ter critérios, porque, por exemplo, dependendo dos critérios, vão estar sempre privilegiando as mesmas pessoas. Então, eventualmente o editor de periódico que já tem financiamento, vai acabar tendo ainda mais financiamento, e eu vou simplesmente replicar o *Efeito Mateus* exposto por Robert Merton. Ou seja, aqueles que mais têm recursos tendem a ganhar mais recursos e vão ter sempre mais. E aqueles que têm menos vão ganhar menos, até um ponto que até o que eles têm vai ser retirado deles, ou seja, perecerão. Então, se você não tomar alguns cuidados pra que você consiga fazer um edital de forma justa, de forma a corrigir distorções, você simplesmente vai privilegiar quem já tem muitos anos de estrada e vai ter sempre mais.

7 - Você tem dimensão do número e da diversidade de periódicos da UFRJ?

Miguel: Um levantamento realizado pela equipe do Centro Referencial do Sistema de Bibliotecas (SIBI) identificou atualmente entre periódicos extintos e os atuais, em torno de 68 periódicos. Mas o que acontece: têm periódicos, por exemplo, que nós ficamos sabendo há pouco tempo, que são da UFRJ, mas estão hospedados fora. Simplesmente porque as pessoas desconheciam o Portal de Periódicos da UFRJ e acabaram alugando serviços de hospedagem. Aí depois que elas viram que a universidade provinha isso, elas entram em contato. Dessa forma é que nós passamos a descobrir que esse periódico na verdade era um periódico da casa. Então provavelmente esse número de 68 é um número que deve ser observado com certa cautela, com uma interrogação. Acho que

uma universidade do tamanho da UFRJ provavelmente possui, se você for analisar a fundo, muito mais periódicos. Muitos mais mesmo. Ficamos sabendo outro dia que um instituto da UFRJ tinha quase 10 periódicos e nós só conhecíamos metade. Então tem coisas que simplesmente foram efêmeras, surgiram, tiveram por um tempo, não conseguiram se manter e acabaram. Mas aquilo é da UFRJ, só que a gente desconhece. As pessoas simplesmente não entraram em contato, ou não procuram saber das coisas. É um problema de comunicação que a universidade tem que enfrentar, mas isso perpassa por outras instâncias.

8 - Recentemente, até onde eu sei, a Universidade Estadual Paulista (UNESP) parou a universidade para que a comunidade docente e técnica fizesse a ORCID (Identidade ORC). Queria te perguntar um pouco como é que está isso na UFRJ e se isso tem a ver com o Portal de Periódicos?

Miguel: Outro dia estávamos conversando no grupo do SIBI sobre isso. Provavelmente esse movimento que a UNESP fez foi por conta da decisão da CAPES em agosto de 2017 de solicitar aos Programas de Pós-Graduação – principalmente os de mais alto nível de avaliação - que seus candidatos à bolsa e financiamentos tivessem um código ORCID. E em maio agora (2018) foi lançado um consórcio, se não me engano: CAPES, IBICT, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa (CONFAP) junto a ORCID, para criar como se fosse uma agência, fazer um processo de divulgação e a disseminação dessa importância. O ORCID, se a gente for pensar é uma coisa que o mundo descobriu hoje, mas ele é basicamente uma cópia do nosso Currículo Lattes. Porque, por incrível que pareça, o Lattes é uma invenção brasileira. Você tem o currículo lá, dos seus pesquisadores, estudantes, enfim de quem se dedica a alguma questão científica, e ele é uma invenção do Brasil. Ninguém tinha pensado nisso antes. Aí depois de um tempo os portugueses copiaram, com a plataforma DeGóis, e depois o mundo descobriu que isso era importante e criou-se o ORCID. A diferença é que o ORCID ele só trata especificamente de produção textual: livro, capítulo de livro, artigo científico. Talvez uns anais de um evento, se você publicou trabalho em um evento. Ele não abarca toda a completude das produções, em termos de patente, orelha, software e todas as demais produções que tem no Lattes. Mas o interessante dele é que ele é mantido por uma

agência internacional. Ele é um serviço gratuito para o pesquisador que se cadastra. E o legal dele é que ele trabalha com protocolos totalmente abertos, podendo ser integrado com vários sistemas. E o que ele faz? Ele sincroniza as várias formas como aparece o nome dos autores nas publicações, ou seja, é a atualização daquilo que as bibliotecas faziam na época dos catálogos impressos. Quem tem mais tempo, vai lembrar disso. Antes, para você descobrir o nome de uma pessoa (e as variantes desse nome), os bibliotecários, quando recebiam um livro novo, procuravam saber informações sobre aquela pessoa para depois criar os catálogos de nomes de pessoas, que tecnicamente chama Catálogo de Autoridades. O ORCID faz tudo automaticamente hoje em dia. Por isso o ORCID é muito mais importante para o pesquisador do que o *Digital Object Identifier System* (DOI).

9 - Existe alguma maneira de conseguir dimensionar a produção de técnicos e docentes da UFRJ? Digo isso, porque, por exemplo, se nós publicarmos em um periódico editado por outra instituição, algo bem comum, teria uma maneira da instituição ter esse acompanhamento? Imagino que seja um desafio para qualquer instituição dimensionar a produção do corpo de docentes e técnicos.

Miguel: Hoje não existe uma política com relação a isso. O que nós temos – e por “nós” eu falo o sistema de bibliotecas – batido muito com relação a isso é principalmente na questão do Repositório Institucional, que é a ferramenta que nós batalhamos aí durante alguns anos. Eu, especificamente, vim para o SIBI para colocar isso no ar. E consegui colocar. Agora estamos no processo de convencimento das pessoas: o entendimento da importância dessa ferramenta para a UFRJ e principalmente para o seu corpo, seja ele de técnicos, de professores e/ou de alunos. O repositório é para receber a produção das pessoas. Quando um técnico ou professor publicar em uma revista fora da UFRJ, alguma revista que não seja da casa, ele, sendo detentor sobre os direitos de sua produção, deve depositar no repositório institucional da UFRJ. Primeiro porque a gente vai conseguir alavancar o nome da instituição, e isso é muito importante, principalmente porque puxa junto todos os índices de avaliação. Pode ser uma maneira também para lançar outro ponto de vista sobre a importância dos técnicos para a UFRJ. Alguns institutos, com algum regime de hierarquia, tendem a ver o técnico como se fosse um personagem menor dentro dessa construção da instituição universidade, quando ele na verdade tem grande importância. E temos casos de técnicos que viraram professores ou

que são técnicos e também são professores. Ou foram professores contratados e depois viram professores efetivos. Então, eu acho que é um espaço de troca, um espaço principalmente para dar valor e mostrar que não é só o que o corpo docente e discente produz. Mas também o corpo técnico, que é muito qualificado, pessoas que são extremamente qualificadas, exercendo função técnica e tem a mesma importância. Se você procurar bem, alguns até tem níveis de citações iguais. Então eu acho isso uma ferramenta muito importante. Conhecer a própria produção é fundamental para qualquer universidade

10 - O que é Pantheon? Quais os desafios?

Miguel: O Pantheon³ é um repositório institucional, e foi lançado em 2016. Fez dois anos efetivamente. Basicamente eu fiquei três anos estudando o *software* e a ferramenta e como implementar, e as melhores práticas e políticas, e qual o melhor *modus operandi* de trabalhar. Ele está no ar, é aberto, e qualquer professor ou técnico pode se cadastrar e fazer o depósito de sua produção. A gente só fez um recorte de que ele é voltado principalmente para a produção técnico-científica. Ou seja, se você produziu um relatório técnico que vai ser aproveitado pra alguma coisa relacionada à edificação, ou qualquer outro departamento que seja estritamente técnico, laboratório, qualquer outra unidade, você pode depositá-lo. E ele é uma ferramenta que é para fazer a divulgação mesmo. Ele é indexado por outras bases de dados, tanto as que são voltadas pra teses e dissertações como o Banco Digital de Teses e Dissertação (BDTD), mas já estamos também no *OASIS.BR* e numa base que é internacional, o RECAP, que é um grande coletor de repositórios do mundo todo. Então ele reúne a nossa produção junto com a produção do mundo todo. Então, é uma chance de você divulgar muito o trabalho da instituição. É a ferramenta que faltava na UFRJ. Se a gente for parar para analisar, o que UFRJ, USP e Unicamp têm de diferente em termos de produção? Eu tenho uma teoria de que hoje a UFRJ, se você for comparar nos *rankings*, fica variando entre o segundo e o terceiro lugar. Eu acho que muito bem ela pode disputar o primeiro lugar. A questão é que a UFRJ é muito grande, e muito dispersa, e não tinha um lugar onde as pessoas podiam reunir a sua produção. Que todo mundo pudesse falar “eu vou nesse lugar *online*, porque se eu quiser pesquisar, vou encontrar lá alguma coisa relacionada a isso

3 Disponível através do link: <https://pantheon.ufrj.br/>. Acesso em 28 dez. 2018.

que essa instituição produziu”. Então, se você for comparar, todas as outras universidades já tinham um repositório e a UFRJ não tinha. Essa, pra mim, é a ferramenta que faltava e que, com certeza, eu não tenho a menor dúvida que daqui há, no máximo, um ano, a gente vai ver que a UFRJ vai ter outra posição sobre esses rankings internacionais de avaliação das instituições de pesquisa. Não tenho a menor dúvida com relação a isso, porque ela tem esse objetivo de divulgar, dar visibilidade.